
MÚSICA

23 ABRIL '08

OS CANTOS
DE MALDOROR
MÃO MORTA

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



QUARTA 23 ABRIL 2008 · GRANDE AUDITÓRIO · 21H30 · DURAÇÃO 1H30 · M/12

Texto original Isidore Ducasse dito Conde de Lautréamont

Seleção, versão portuguesa e adaptação Adolfo Luxúria Canibal

Música Miguel Pedro, Vasco Vaz, António Rafael e Mão Morta

Encenação António Durães

Cenografia Pedro Tudela

Figurinos Cláudia Ribeiro

Vídeo Nuno Tudela

Desenho de Luz Manuel Antunes

Interpretação Mão Morta (Adolfo Luxúria Canibal – voz / Miguel Pedro – electrónica

e bateria / António Rafael – teclados e xilofone / Sapó – guitarra / Vasco Vaz – guitarra

e xilofone / Joana Longobardi – baixo e contrabaixo)

Produção Theatro Circo e IMETUA – Cooperativa Cultural

Estreia no Theatro Circo, em Braga, a 11 e 12 de Maio de 2007

The Raven de Edgar Allan Poe, *Les Fleurs du Mal* de Baudelaire, *The Picture of Dorian Gray* de Oscar Wilde, *Poésies* de Mallarmé, *Une Saison en Enfer* de Arthur Rimbaud... são muitos e variados os exemplos de uma produção literária de “fim de século” que adoptou como bandeira aquilo mesmo de que a acusavam os seus detractores – o ser “decadente”. E o certo é que o conceito de decadência formulado em finais do século XIX acabaria por perdurar ao longo do XX, como se neste a angústia provocada pela percepção de que uma época chegava ao seu termo se somasse à angústia de não se perceber muito bem que outro mundo estaria a emergir no cenário de dois conflitos globais e das suas sequelas. “Decadentes” – ou seja, marcadas pela incerteza que as descobertas da ciência e do conhecimento não compensavam, bem como pela percepção de que a desimportância da vida humana e da individualidade convidava a substituir os normativos da ética pelos da estética – foram também autores surgidos no novo século como Lovecraft, Antonin Artaud, Céline ou Jean Genet e movimentos artísticos como o Futurismo (com a sua glorificação da guerra e da máquina), o Dadaísmo, o Surrealismo ou o Abjeccionismo (no qual a exaltação da morte, do sangue e da dor atinge o

auge), prolongando um mal-estar que, curiosamente, já se anunciara em pleno século XVIII, com as fixações anais do Divino Marquês e o misticismo negro de William Blake. Não certamente por acaso, data da mesma época em que Isidore Ducasse escreveu os seus *Cantos de Maldoror*, o mais decadente dos poemas malditos, a detecção de uma doença do espírito, mais do que simplesmente nervosa, logo classificada como tipicamente urbana e consequência do progresso das sociedades, a neurastenia.

Conhecido postumamente como Conde de Lautréamont, o nome que utilizou para assinar os *Cantos*, Ducasse foi um dos primeiros grandes neurasténicos da civilização ocidental como hoje a conhecemos, o que coincide com o facto de ter sido também um dos pioneiros do modernismo nas letras europeias. Ora, a neurastenia é o colapso, diríamos que naturalmente implicado, de um outro *mal d'esprit* que o Romantismo cultivou até à saciedade, a melancolia. Enredados nos sofrimentos profundos da alma, não era só à tuberculose que se entregavam as personagens literárias do século XIX, e por vezes até os que as criaram, mas também àquilo a que habitualmente chamamos “loucura”. Nesse sentido, Maldoror é uma personagem

ultra-romântica e ao mesmo tempo um produto da implosão desta corrente estética. De profundamente romântico tem o facto de as suas efabulações do Mal ainda implicarem considerações moralistas (nas suas cartas pessoais, o jovem poeta justificou-se dizendo que o seu objectivo era “cantar o desespero de modo a que o leitor ficasse oprimido e desejasse o Bem como remédio”), mas de algo que já ultrapassa em muito as coordenadas do Romantismo está uma imagética dissociativa/re-associativa e tendencialmente abstracta, bem representada por um verso muito aclamado pelos surrealistas em que se descreve alguém como sendo “belo como o encontro casual numa mesa de dissecação de uma máquina de costura com um chapéu-de-chuva”. Digamos, então, que Artaud, poeta clinicamente diagnosticado como louco, foi na primeira metade do século XX um Ducasse sem as amarras românticas. Isto é, sem o sentimento de culpa tão fundamental na cultura judaico-cristã.

O certo é que o novo século prezou mais as expressões artísticas da loucura, autênticas ou simuladas (no caso dos dadaístas associadas às artes infantil e “selvagem” ou que as mimetizavam de alguma maneira) do que aquelas que assumiram a noção de pecado, blasfémia ou tabu precisamente por serem da ordem do proibido e porque nessa transgressão encontravam o fundamento da sua razão de ser. A leitura que o Surrealismo fez dos *Cantos de Maldoror* valorizou a primeira vertente, abstraindo-se daquela intencionada por Lautréamont, e fez escola enquanto filtro interpretativo desde então. Mas nem sempre tem

sido assim, quando se trata de recriar a atmosfera ou a substância dessa obra maior da literatura em outros contextos, como por exemplo o da música. Sabendo que os Cantos foram escritos por Isidore Ducasse sentado diante de um piano, em cujas teclas sublinhava os efeitos fonéticos das palavras escolhidas, muitos têm sido os músicos das áreas “alternativas” e “experimentais” que se inspiram neste poema em prosa ou que se adaptam nas suas próprias criações. *Chance Meeting on a Dissecting Table of a Sewing Machine and an Umbrella*, tema concretista dos Nurse With Wound de Steven Stapleton, pode vir na sequência das interpretações de André Breton e dos seus companheiros surrealistas, bem como o álbum *Maldoror* do violoncelista de *avant-jazz* Erik Friedlander, mas já o místico David Tibet, do projecto de *dark folk* Current 93, compôs a canção *Maldoror est Mort* porque o seu universo de referências não é muito distinto do ducassiano, colocando em cena a eterna batalha de S. Jorge com o Dragão, do Bem com o Mal, mesmo que, como Lautréamont, pareça situar-se do lado do Dragão. O mesmo se diga do duo Maldoror, formado por Masami Akita (Merzbow) e Mike Patton (Fantômas, Mr. Bungle, Faith No More) nos domínios da *noise music* mais brutal. Ou dos Bauhaus na canção *The Three Shadows*, incluída no disco *The Sky's Gone Out*, onde também encontramos o mesmo culto da maldição.

Dadas as convicções marxistas-leninistas e implicitamente ateias do movimento, a exorcização do Mal a que procedia Ducasse era na verdade incompreensível para o Surrealismo. Se os Cantos foram

tomados como satânicos, se a própria causa da liberdade a que aludem chegou a ser confundida com o satanismo (tal como os autênticos devotos do Diabo, os anarquistas consideram que os homens só serão completamente livres quando renegarem Deus), a verdade é que a aceitação da existência de um Senhor do Mal implica também a crença numa divindade. Bakunine queria matar Deus, mas isso porque o considerava vivo. Esta é uma questão de fundo para o rock, género musical de natureza transgressiva, amoral e libertária, adoptando muitas das características das velhas artes decadentes. E sobretudo desde que algo como o *punk* teve lugar (“nada como isto fora ouvido antes no *rock 'n' roll*”, escreve Greil Marcus no preâmbulo do seu livro sobre os Sex Pistols, *Lipstick Traces*), anunciando que mais um fim de século estava para vir. É nessa linhagem *punk* que se inscreve a banda Mão Morta, não por acaso nascida numa cidade conhecida pelo seu conservadorismo religioso como Braga. Dos raros intelectuais do rock nacional e, segundo o jornal *Expresso*, uma das 50 figuras mais importantes da cultura portuguesa, o seu vocalista e letrista, Adolfo Luxúria Canibal (um *nickname* bastante revelador), tem introduzido as referências do nihilismo, indo de *Justine* de Sade a *Howl* de Allen Ginsberg, com a compreensível passagem por *O Libertino Passeia por Braga, a Idolátrica, o Seu Esplendor*, de Luís Pacheco, numa música extremista e pesada que não é alheia à influência das tendências “industriais” e “góticas” de formações dos anos 1970 e 80 como Throbbing Gristle, Einstuerzende Neubauten ou Swans.

“Sinto a força de Deus / No enforcado / Que balança na aragem / Do fim da tarde / Que balança na aragem / Do fim da tarde / Aves marinhas / Que o vento arrasta / Por sobre o mar” – diz com voz rouca e soturna Adolfo Luxúria Canibal em *Fogo Selvagem*, do álbum *Vénus em Chamas*. Este é um Deus castigador e implacável, um Deus do remorso. Cada concerto dos Mão Morta é um ritual de penitência, como bem verificaram todos os presentes na célebre actuação em que Adolfo se feriu com uma faca. Esta teatralidade primária acabou por adquirir requintes que já ultrapassavam o próprio rock, não surpreendendo particularmente que o grupo tivesse pegado em textos de mais um autor censurado, o poeta e dramaturgo Heiner Müller, para a realização de um espectáculo “total” como Müller no *Hotel Hessischer Hof*, em que ouvimos os versos “Um pai morto teria sido talvez / Um melhor pai. O preferível / É um pai nado-morto”, pai este em que podemos subentender, na interpretação dos Mão Morta, uma alusão ao Criador, assumindo o eterno conflito da humanidade com os dogmas da religião, a nós impostos directamente do Alto. Discípulo de Ducasse, inevitável seria que Luxúria Canibal acabasse por dar voz aos *Cantos de Maldoror*, e eis que, em forma de ópera intermedia, com projecções vídeo, encenação e execução musical ao vivo, assistimos à cruel refeição do Senhor, o qual, «remexendo o maxilar inferior, fazia mexer-se sua barba empapada de miolos».

RUI EDUARDO PAES
Crítico de música, ensaísta,
editor da revista *jazz.pt*

OS CANTOS DE MALDOROR

O livro

Na Paris sitiada de 1870 e em vésperas do levantamento da Comuna morre aos 24 anos o desconhecido Isidore Ducasse. No entanto este misterioso “homem de letras” deixava atrás de si um formidável empreendimento de demolição de que o romantismo envelhecido e o Segundo Império à beira do desastre não seriam as únicas vítimas. Os seus *Os Cantos de Maldoror*, impressos no ano anterior sob o pseudónimo de O Conde de Lautréamont, não poupam nenhuma autoridade nem nenhum dogma.

Sob a aparência de um herói do Mal, negativo dos heróis românticos então em voga, Maldoror é a personagem central da narrativa estruturada em Cantos à maneira das epopeias clássicas. Mas Maldoror é muito mais que um herói do Mal, é sobretudo um combatente da liberdade que nos revela as consequências de uma dupla alienação: enquanto a interiorização dos interditos morais e religiosos nos confisca os desejos, as marcas de uma linguagem imobilizada contrariam-nos a livre expressão.

Se a primeira alienação ganha denúncia no combate encarniçado de Maldoror contra o Criador e a religião e na

natureza obsessivamente erótica dos seus crimes, lembrando a animalidade e a agressividade que a Igreja associa à sexualidade, já a segunda é exposta pela recorrência a artifícios literários, da interpelação do leitor à confusão entre narrador e personagem, da ausência de linearidade narrativa à constante sobreposição de formas literárias, como se ao combate encarniçado contra o Criador correspondesse estranhamente uma luta da escrita contra uma censura latente. Apesar disso, o texto não perde balanço, antes, como uma espiral ou um turbilhão, ganha um movimento rodopiante, de reposição e de renovação, de repetição e de modulação, com novos enredos sempre a arrancarem para logo abortarem, com constantes intromissões e divagações a impedirem a narração de avançar, não abordando novos relatos senão para voltar a tropeçar no mesmo episódio indizível, deixando entrever o que se segue para melhor o ocultar, tal um segredo que se quer contar mas não se consegue, criando assim uma tensão que vai alimentar toda a obra, que dá a impressão de gravitar à volta de um centro sempre fugidio.

(texto fornecido pelos Mão Morta)

MALDOROR

O espectáculo

A partir de *Os Cantos de Maldoror*, a obra-prima literária que Isidore Ducasse, sob o pseudónimo de Conde de Lautréamont, deu à estampa nos finais do século XIX, os Mão Morta, com os dedos de alguns cúmplices, estruturaram um espectáculo singular onde a música brinca com o teatro, o vídeo e a declamação.

Aí se sucedem as vozes do herói Maldoror e do narrador Lautréamont, algumas imagens privilegiadas das muitas que povoam o livro, sem necessidade de um epílogo ou de uma linearidade narrativa, ao ritmo da fantasia infantil – o palco é o quarto de brinquedos, o espaço onde a criança brinca, onde cria e encarna personagens e histórias dando livre curso à imaginação.

Em similitude com a técnica narrativa presente nos Cantos, a criança mistura em si as vozes de autor, narrador e personagem, criando, interpretando e fazendo interpretar aos brinquedos/artefactos que manipula as visões e as histórias retiradas das páginas de Isidore Ducasse, dando-lhes tridimensionalidade e visibilidade plástica. O espectáculo é constituído pelo conjunto desses

quadros/excertos, que se sucedem como canções mas encadeados uns nos outros, recorrendo à manipulação vídeo e à representação.

Como um mergulho no mundo terrível de Maldoror, povoado de caudas de peixe voadoras, de polvos alados, de homens com cabeça de pelicano, de cisnes carregando bigornas, de acoplamentos horrorosos, de naufrágios, de violações, de combates sem tréguas... Sai-se deste mundo por uma intervenção exterior, como quem acorda no meio de um pesadelo, como a criança que é chamada para o jantar a meio da brincadeira – sem epílogo, sem conclusão, sem continuação!

(texto fornecido pelos Mão Morta)

MÃO MORTA

Reza a lenda que Joaquim Pinto se encontrou com Harry Crosby, baixista dos Swans, durante um concerto da banda americana na cidade de Berlim, em Outubro de 1984. “Tens cara de baixista”, terá dito Crosby a Joaquim Pinto. No mês seguinte, Joaquim Pinto comprou um baixo e fundou, em conjunto com Miguel Pedro e Adolfo Luxúria Canibal, os Mão Morta. Braga, cidade dos arcebispos e bastião por excelência da direita ultra-conservadora, via assim nascer, por ironia do destino, uma banda cuja postura viria, ao longo dos anos, a afrontar os valores morais e políticos de uma sociedade culturalmente atrasada e na ressaca do salazarismo. Mas a verdade é que a cidade de Braga tornou-se, no início dos anos 80, palco de uma intensa agitação cultural. Afinal, por força da Universidade do Minho, aí sediada, Braga era, e continua a ser, uma das mais jovens cidades do país, em termos de população.

Antes dos Mão Morta, Adolfo Luxúria Canibal e Zé dos Eclipses foram os Bang-Bang, banda que nasceu no carnaval de 1981. Seguir-se-iam, ainda no mesmo ano, os AuAuFeioMau, por onde passaram vários jovens artistas bracarenses. Este projecto aliava a música a outras formas de expressão artística – *Rococó, faz o galo* (espectáculo multimédia de dança, teatro,

mímica e música – Abril, 1983); *Dos gatos brancos que jazem mortos na berma do caminho-de-ferro* (espectáculo em conjunto com Carlos Corais – *performance* musical a partir de ruídos de comboios – Julho, 1983); *Labiú e a pulga amestrada* (*performance* circense – Dezembro 1983). No carnaval de 1984, Adolfo formou com Joaquim Pinto e Miguel Pedro, os PVT Industrial, um grupo de berbequins e ritmos de teares, tendo sido os primeiros bracarenses a tocar em Lisboa (ESBAL). Mas foi em Novembro do mesmo ano que se deu a formação dos Mão Morta. Joaquim Pinto no baixo, Miguel Pedro na guitarra e Adolfo Luxúria Canibal na voz. Fitas pré-gravadas e programações rítmicas do colectivo.

O concerto de estreia dos Mão Morta teve lugar no Orfeão da Foz, no Porto, a 12 de Janeiro de 1985. Dois meses mais tarde entra para a banda o guitarrista Zé dos Eclipses, passando Miguel Pedro para a bateria. Em Novembro, os Mão Morta saíram do 1.º Concurso de Nova Música Rock, do Porto, com o quarto lugar, atrás de Bramassaji, Entes Queridos e AF Gang. Poucos dias depois, davam a sua primeira entrevista, no DN, a Fernando Sobral, para quem os MM eram “indiscutivelmente a melhor banda portuguesa do momento”.

As performances e o carisma de Adolfo Luxúria Canibal fizeram nascer, desde os primeiros momentos, um culto muito especial à volta da banda: «Uma garganta funda que liberta bílis às golfadas, que espanca os espectadores com as palavras, que os excita e irrita, que conta histórias de sexo, de crime e de repressão» (*Blitz* 110, 09/12/86, António Pires acerca de Adolfo Luxúria Canibal no RRV).

E o culto foi crescendo. Em 1986 ganharam o Prémio de Originalidade do III Concurso de Música Moderna do extinto Rock Rendez-Vouz. Neste ano estreou-se Carlos Fortes na 2.ª guitarra.

Através de votação na saudosa Rádio Universitária Tejo, os Mão Morta foram considerados, no início de 1987, a “Melhor Banda Nacional sem Registo em Vinil”. *I.º de Novembro* era utilizado na banda sonora do filme *Um Dia no Bairro*, de Paulo Miguel Fortes e em Agosto era editada, na Malucos da Pátria, *Mão Morta* (κ7). A fama entretanto granjeada abriu-lhes a porta para a participação no evento realizado no cinema Império, onde estiveram na mesma noite, os Gun Club. As primeiras partes de bandas estrangeiras constituem, aliás, uma parte invejável do currículo dos Mão Morta: Nick Cave & The Bad Seeds, Wire, Young Gods, Jesus & Mary Chain, Rollins Band.

Mão Morta (LP), o primeiro álbum, foi editado em Julho de 1998 pela editora de João Peste, dos Pop dell’Arte, a Ama Romanta. Deste registo, obrigatório em qualquer lista de melhores álbuns nacionais de sempre, fazem parte temas que ainda hoje tem presença assegurada em qualquer concerto: *Oub’lá, Sitiados, Até*

Cair, etc. A 29 de Outubro, por ocasião do lançamento do jornal LP, os Mão Morta abriram para o concerto dos Wire, mas o melhor viria dois meses depois, a 16 e 17 de Dezembro, com as primeiras partes de Nick Cave & The Bad Seeds em Lisboa e Porto, respectivamente, tendo então Mick Harvey deixado a banda envaidecida com os comentários elogiosos que teceu.

Foi com *I.º de Novembro* que os Mão Morta participaram em *À Sombra de Deus – Braga 88*, colectânea de bandas locais, testemunho essencial da afamada movida bracarense, editado em meados de 1989 pela Câmara Municipal da terra que os viu nascer. Mas, para os Mão Morta, o ano de 1989 ficou marcado por um concerto do Rock Rendez-Vouz, dias antes (2/6/89), em que Adolfo Luxúria Canibal infligiu a si próprio um golpe na perna com o auxílio de uma faca. «Quando me cortei num concerto dos Mão Morta, fui longe demais, era uma faca nova mais afiada do que eu pensava. O ambiente na sala estava pesadíssimo, havia necessidade de aplacar um bocado as coisas e eu pensei que o sangue poderia acalmá-los... o sangue assusta. Afinal o sangue acabou por ser demais, e aí é que eu vi que tinha feito asneira.» (Adolfo Luxúria Canibal, Académico, Março 93). O sucesso mediático começava então a trazer alguns amargos de boca a uma banda que sempre se manteve ao largo de uma carreira dita profissional. «Estou farto da música. Estou a pensar sair dos Mão Morta em Novembro ou Dezembro (...). Estou farto de tocar ao vivo. É uma das razões porque os Mão Morta têm problemas. Tocamos todos os fins-de-semana e não gosto.» (Adolfo Luxúria Canibal, *Blitz* 250, 15/08/89).



O baixista Joaquim Pinto, um dos fundadores dos Mão Morta, deu o seu último concerto com a banda a 6 de Janeiro de 1990, no Rock Rendez-Vouz. Para o seu lugar entrou José Pedro Moura. Neste ano os Mão Morta fizeram a abertura do concerto de Young Gods, no Cinema Alvalade, em Lisboa, naquela que foi a estreia de António Rafael nas teclas.

O segundo álbum, *Corações Felpudos*, saiu em Setembro de 1990, com selo Fungui. As influências dos Swans pareciam agora estar mais distantes – a guitarra de Zé dos Eclipses traçava o rumo sonoro dos Mão Morta através de temas mais melódicos como *Ventos Animais*, *Desmaia*, *Irmã*, *Desmaia* e *Facas em Sangue*.

Em Junho de 1991, envolta em alguma confusão, deu-se a edição de *O.D., Rainha do Rock* e *Crawl*, através da Área Total, editora da Guarda. Aqui o rock de guitarras a rasgar reassumiou um papel de destaque, como facilmente se constata ao ouvir, entre outras, *Charles Manson* e *Quero Morder-te as Mãos*. Do álbum, ou melhor, mini-álbum, fez ainda parte uma versão de *Bófia*, desde sempre o tema mais pedido pelos fans durante os concertos, apesar de nunca haver sido editado até à altura – ainda assim, esta versão era muito diferente da original. Este foi o último álbum a contar com a participação de Zé dos Eclipses, que estava de abalada para os Estados Unidos. Para o seu lugar entrou o ex-Pop Dell'Arte Sapo.

No início de 1992, *O.D., ...* foi editado na Alemanha, pela editora Big Noise, e distribuído na Áustria, Suíça e Checoslováquia, pela Semaphore. Em Abril, os Mão Morta fizeram a primeira parte dos escoceses Jesus & Mary Chain, num concerto marcado pelo atraso de Zé Pedro Moura pelo Casal Ventoso. Durante este ano os Mão Morta dedicaram-se à gravação de *Mutantes S.21*, o quarto álbum, que viria a ser editado em Dezembro, num regresso à editora Fungui, depois dos problemas com a Área Total.

Mutantes S.21: um diário de viagem por nove cidades. Com temas fabulosos como *Lisboa*, *Barcelona* e *Amesterdão*, por exemplo, o grande hit deste álbum seria *Budapeste* que transportou os Mão Morta para patamares da fama a que não estavam habituados. Curiosamente, em dado

concerto, Carlos Fortes viria a introduzir o tema como “uma canção para atrasados mentais”. Mas a verdade é que *Budapeste* era o videoclip mais pedido no programa de televisão *Vira o Vídeo*, apresentado por Zé Pedro, Xana e Henrique Amaro, e desde logo recebeu um importante e decisivo *airplay* nas estações de rádio, não sendo portanto de estranhar a entrada do álbum para o 28.º lugar do top nacional de vendas, em 11 Fevereiro de 1993. O sucesso foi tal que até a revista *Teenager* publicou um poster da banda. Em Maio de 1993, *Mutantes S.21* foi alvo de reedição (limitada a 500 exemplares, acompanhada por uma banda desenhada). A ‘digressão’ associada ao álbum proporcionou concertos que ficaram na história da banda, como é o caso do concerto em Braga, no Theatro Circo, tendo a sala ficado semi-destruída (nem o enorme candeeiro resistiu!). «Os Mão Morta não têm culpa nenhuma da destruição do Theatro Circo, ninguém tem culpa, são coisas que acontecem e o Presidente da Câmara mostrou-se perfeitamente compreensivo... aliás disse que preferia ter o Theatro Circo destruído, mas depois de uma enchente, do que ter o Theatro Circo eternamente vazio» (Adolfo Luxúria Canibal ao Grande Delta, Xfm, 08/04/94).

No início de 1994 foi editada a colectânea *Variações – As Canções de António*, onde os Mão Morta participam com uma versão de *Visões – Ficções (Nostradamus)*. O sucesso obtido com *Mutantes S.21* ofereceu-lhes a hipótese de virem a assinar por uma multinacional, a BMG, o que aconteceu em Março de 1994. O primeiro de dois álbuns com selo BMG foi *Vénus*

em *Chamas*, que esteve para se chamar *Fátima Radical (Bailarina, 22 anos)*, editado no mesmo mês. Por muitos considerado o registo mais desequilibrado em toda a discografia dos Mão Morta, tal não impediu, à semelhança dos álbuns anteriores, de vir a ser classificado pela imprensa como um dos melhores álbuns nacionais do ano. Destacam-se alguns temas como *Anjos Marotos*, *Velocidade Escaldante* e *Cães de Crómio*. «Havia uma expectativa externa ao grupo que esse caminho [do sucesso] fosse continuado e os Mão Morta derivassem para um grupo português normal (...). Houve, de nossa parte, a atitude de o evitar... não interessava nada entrar para uma multinacional e fazer 16 budapestes.» (Adolfo Luxúria Canibal ao Grande Delta, Xfm, 08/04/94). Mas a verdade é que, depois de *Variações – As Canções de António*, os Mão Morta voltaram a juntar-se a um colectivo de grupos portugueses normais, desta vez para uma colectânea de homenagem a José Afonso, *Os Filhos da Madrugada Cantam José Afonso*, onde participaram com *O Avô Cavernoso*, registo galardoado Disco de Platina no próprio dia de edição, que os levaria a actuarem ao vivo no Estádio de Alvalade, para vários milhares de espectadores e, mais tarde, para o país inteiro através da televisão.

Em 1995, saiu o guitarrista Carlos Fortes, sendo rendido por Vasco Vaz, ex-Braindead. Em Maio, na Queima das Fitas de Coimbra, a banda partilhou o palco com mais um grande nome internacional: os The Fall. Em Agosto, veio a gravação para a BMG da compilação *Mão Morta Revisitada*, que assinala

o 10.º aniversário dos Mão Morta. O álbum reúne os velhos temas da banda, reconstruídos. Os primeiros registos da banda já não se encontravam à venda e, para além disso, o som destes, quer em termos de gravação, quer em termos de produção, não era o melhor – motivos suficientes para a edição de ... *Revisitada*. *E Se Depois ou Sitiados* já podiam ser ouvidos em formato digital. Alguns dos temas nem sequer haviam sido editados, apesar de serem tocados em concertos, como é o caso de *Abandonada*, *Bófia* (este numa versão mais próxima da original), *Sangue no Asfalto* e *Chabala*. José Fortes, o prestigiado produtor que havia já estado com a banda nos dois álbuns anteriores, foi o responsável pelo excelente som de *Mão Morta Revisitada*.

Mão Morta Revisitada marcou o início de uma nova etapa na carreira dos Mão Morta. Temas como *Bófia* e *Chabala* já não eram conhecidos apenas pela geração do Rock Rendez-Vous. Uma nova legião de admiradores veio juntar-se às caras de sempre dos concertos. A banda também dava mais concertos – 1996 era, até à altura, o ano com maior número de concertos no currículo dos Mão Morta. Em Junho de 1996, sinal de reconhecimento da carreira dos Mão Morta, o Centro Cultural de Belém convidou a banda de Braga a trabalhar sobre poemas de Heiner Müller, a propósito da estreia mundial da peça *Germania 3* do falecido dramaturgo alemão, prevista para Janeiro de 1997.

Müller no Hotel Hessischer Hof, peça musical encenada e interpretada pelos Mão Morta, a partir de textos de Heiner

Müller, teve a sua estreia a 6 de Janeiro de 1997, no Pequeno Auditório do CCB, repetindo-se por mais duas noites de lotações esgotadas. A peça seria também levada à cena nas cidades de Évora, Braga e Coimbra. Deste espectáculo resultou a gravação de um álbum, *Müller no Hotel Hessischer Hof*, editado pela NorteSul, subsidiária da Valentim de Carvalho, e de um vídeo de longa duração que só viria a sair no ano seguinte. Sendo certo que as suas actuações sempre se caracterizaram pela associação da música a elementos dramáticos, o espectáculo encomendado pelo CCB veio mostrar uns Mão Morta ainda mais teatrais. «Tudo partiu da ideia de musicar poemas de Heiner Müller, a que depois se deu um formato com algumas características de um espectáculo teatral e, sobretudo, musical. (...) Descobri uma grande afinidade entre mim (através de Mão Morta) e os universos e as formas de expressão de Müller. Houve pessoas que pensaram que aquelas letras eram mesmo minhas.» (Adolfo Luxúria Canibal, entrevistado na Musicnet). Apesar do álbum não ter algum tema especialmente apelativo que passasse nas rádios como *Budapeste*, do *Mutantes S.21*, este veio a permanecer durante algumas semanas no top nacional de vendas, o que dá conta da forma como o interesse do público pelos Mão Morta havia crescido nestes anos. No Festival de Paredes de Coura deste ano, que contou uma vez mais com a participação dos Mão Morta, depois do sucesso na edição de 1996, a banda teve as honras de encerramento, em virtude da Rollins Band precisar de tocar mais cedo. Neste ano ainda, referência para o Prémio Blitz'96 ganho por Nuno Tudela, na realização do videoclip de *Chabala*.

Depois de editado o vídeo de longa-duração *Müller no Hotel Hessischer Hof*, um trabalho do realizador Nuno Tudela sobre o espectáculo dos Mão Morta com o mesmo nome, ganhou finalmente corpo um projecto antigo, *Há Já Muito Tempo que Nesta Latrina o Ar se Tornou Irrespirável*, que viria a ser o oitavo álbum da banda, baseando-se este no movimento da Internacional Situacionista onde se destacaram figuras como Guy Debord e Raoul Vaneigem. A 8 de Maio partilharam o palco da Queima das Fitas com DEUS e Gene Loves Jezebel. No dia 30 do mesmo mês, a Rádio Universidade do Minho fazia o especial 24 Horas Mão Morta – um dia inteiramente dedicado ao grupo. Já em Agosto, os Mão Morta viriam a participar num espectáculo integrado no Festival Mergulho no Futuro, um evento acessório da Expo'98, e para o qual foram convidados pelo norte-americano Arto Lindsay (ex-DNA, ex-Ambitious Lovers, ex-Lounge Lizards, etc.), com Blonde Redhead e Unwound no mesmo dia. Em Novembro, o realizador Nuno Tudela vê ser atribuído ao clip de *Em Directo (Para a Televisão)* o Prémio Nacional de Vídeo, na rubrica Melhor Produção.

1999 começou em grande: no dia 7 de Janeiro, um Coliseu dos Recreios cheio recebia os Mão Morta para um concerto onde estes eram os cabeças-de-cartaz – na primeira parte estariam os Belle Chase Hotel –, levando à sala das Portas de Santo Antão os antigos e novos fãs de um grupo que vive neste ano a comemoração do seu 15.º aniversário. E se a ocasião era especial, não menos especial foi a preocupação do grupo com o aparato cénico:

vários aparelhos de televisão e dois écrans gigantes jorrando lixo televisivo, numa clara transposição dos conceitos teóricos explorados em *Há Já Muito Tempo Que Nesta Latrina o Ar se Tornou Irrespirável*, e um cuidado e intenso jogo de luzes, elementos que ajudaram à concretização de um espectáculo carregado de violência sonora e visual, na melhor tradição dos Mão Morta.

Ainda no mesmo mês, saiu a colectânea *XX Anos, XX Bandas*, um tributo aos Xutos & Pontapés, onde os Mão Morta participam com o tema *Mãe*.

1999 é também desde já, o ano mais “internacional” dos Mão Morta. Em 5 de Junho a sala Les Voûtes, em Paris, recebia os Mão Morta, Miso Ensemble, Osso Exótico e os franceses PCP na mostra PluxshshFeira – Musiques Nouvelles du Portugal. No início de Julho seria a vez da Itália, com dois concertos no Arezzo Wave Love Festival.

Em Setembro, a RTP dava início à exibição de *O Dragão de Fumo*, série televisiva rodada em Macau, realizada por José Carlos Oliveira, onde Adolfo Luxúria participa como actor e para a qual os Mão Morta contribuem com a sua música.

A comemoração do 15.º aniversário teria lugar a 9 de Dezembro, no novo clube lisboeta Lux, que encheu para ver o grupo.

Começava a ser tempo de apresentar um novo disco. Em Abril, a banda iniciou as gravações do nono álbum de originais, *Primavera de Destroços*. Entretanto, mais uma participação num tributo, desta vez a Rui Veloso, homenageado em *20 Anos Depois – Ar de Rock* por vários grupos

portugueses, e onde os Mão Morta entram com *Domingo Fui às Antas*.

No Verão, um regresso a Paredes de Coura, para mais um concerto no festival minhoto, partilhando neste dia o palco com Coldplay, Flaming Lips e Mr. Bungle, entre outros. Para surpresa de alguns, era Gonçalo Budda, dos Big Fat Mamma, que ocupava o lugar de baixista habitualmente reservado a José Pedro Moura. José Pedro, DJ residente no Lux abandonava o grupo nesta altura, tendo sido substituído por uma ex-Voodoo Dolls, Marta Abreu. Mas Marta acabou por ficar pouco tempo na formação e em Novembro é outra baixista dos Voodoo Dolls, Joana Longobardi, a substituí-la.

Depois de uma passagem de ano com um concerto em Braga, o ano de 2001 só começaria propriamente para os Mão Morta em Março, com *Primavera de Destroços* a ver finalmente a luz do dia. A edição do nono álbum abria as portas ao grupo para um apreciado número de concertos neste ano (o melhor de sempre), com especial destaque para as duas apresentações ao vivo em Madrid e uma outra em Lisboa, na Aula Magna, a qual ficaria gravada para ser editada meses depois, já em 2002, numa edição especial de *Primavera de Destroços*. Mas 2001 não foi apenas o ano em que os Mão Morta pisaram o palco um maior número de vezes. O jornal Blitz, na sua cerimónia actual de entrega de prémios, viria a consagrar os Mão Morta com o Prémio Carreira 2000, colocando o grupo ao lado de grandes nomes da música portuguesa como José Mário Branco ou Sérgio Godinho. Voltando a tocar numa entrega de Prémios Blitz, os Mão Morta

apresentaram-se ao público com convidados especiais, o grupo de percussões Tocá Rufar. Também neste ano, e por ocasião dos Prémios Nacionais de Vídeo TMN/Top Clip, o videoclip de *Cão da Morte*, realizado por Tiago Guedes de Carvalho, foi distinguido com o galardão referente à Melhor Realização. No que diz respeito à partilha de palcos com grupos internacionais, os Mão Morta tiveram Marilyn Manson (Ilha do Ermal), Napalm Death (Carviçais Rock) e Sneaker Pimps (Queima das Fitas de Coimbra) como companhias mais sonantes.

Os ventos adversos, que José Mário Branco cantava, começaram a soprar ainda mais forte, com a crise económica a chegar à indústria do espectáculo. Não tivéssemos os Mão Morta arregaçado mangas e desenhado eles próprios um circuito de bares por onde viria a passar, nos últimos meses do ano, a Carícias Malícias Tour, e poucas oportunidades teriam para pisar o chão de um palco. Assim baptizada para ilustrar a proximidade desejada com o público dos bares e, simultaneamente, a aventura de desbravamento de um circuito inexistente, a Carícias Malícias Tour levou-os a treze localidades espalhadas pelo Centro e Norte do país, terminando com mais um magnífico concerto no Hard Club, em Gaia, embora o encerramento definitivo viesse a ocorrer já em 2003, com um concerto no Auditório da RDP, transmitido em directo pela Antena 3 e gravado para posterior edição. Mas o ano de 2002 trouxe outros pontos de interesse à história dos Mão Morta, a começar pela edição especial de *Primavera de Destroços*,

acompanhada de um CD gravado ao vivo na Aula Magna, no ano anterior. E, uma vez mais, houve prémios Blitz a serem atribuídos aos Mão Morta: Grupo Nacional do Ano e Melhor Álbum Nacional. Também a revista Raio X lhes atribuiu o prémio para Melhor Banda na Categoria Pop/Punk/Rock.

Enquanto se preparavam para lançar o novo disco, *Carícias Malícias*, resultado, como já se viu, do derradeiro concerto da digressão que teve o mesmo nome, os Mão Morta começavam a sentir a falta de um novo álbum de originais. *Nus*, o sucessor de *Primavera de Destroços* começou, assim, a ser preparado em Abril de 2004, no debute de um processo que teria desenvolvimento pelo ano fora e pelo ano seguinte, na Casa do Rolão, a habitual sala de ensaios do grupo, no centro de Braga. Em Setembro, o *Expresso* incluiu Adolfo Luxúria Canibal, que neste ano lançou o seu compêndio de textos *Estilhaços*, na lista As 50 Personalidades Mais Importantes da Cultura Portuguesa.

Ainda antes da saída de *Nus*, houve oportunidade para que as Quasi Edições dessem à estampa *Narradores da Decadência*, obra biográfica escrita pelo mesmo autor do presente texto. A história do grupo, recolhida junto de dezenas de testemunhas, apoiada nos documentos que sobreviveram ao tempo, tinha finalmente uma edição em livro, precisamente no ano em que os Mão Morta comemorariam o 20.º aniversário. Logo no mês seguinte, Abril, foi a vez de *Nus* sair para o terreno, através do jornal *Blitz*. Nele, a geração *beat* norte-americana serve de

inspiração à evocação da própria geração bracarense que, nos anos 80, produziu fenómenos como os Mão Morta. Mais uma vez com os Mão Morta a servirem de padrinhos, *A Sombra de Deus* registou uma terceira edição, em Julho, com aqueles a participarem com o tema *Sobe, Querida, Desce*. No Verão, vieram os festivais. No regresso a Paredes de Coura, os Mão Morta apareceram sob a forma das *Bonecas de Braga*. Depois, no Outono, e revisitando a filosofia inerente à digressão *Carícias Malícias* chegaram as chamadas *Sessões de Outono*, com os Mão Morta a pisarem os palcos de bares e discotecas em diferentes pontos do país.

As *Sessões de Outono* tiveram continuidade nas, como se calcula, *Sessões de Inverno*. Porém, se antes eram os bares e as discotecas a receberem o grupo, agora seria a vez dos teatros e auditórios que entretanto haviam surgido um pouco por todas as autarquias locais do país. Entretanto, Henrique Amaro, da Antena 3, convidaria os Mão Morta a participarem no seu programa Portugália, designadamente na rubrica “3 pistas”, onde, como o nome indica, apenas três microfones captariam a crueza do som do grupo, na boa memória das sessões ao vivo das rádios inglesas. *Fado Canibal*, *Kayatron* (uma versão dos Corpo Diplomático), *Santana Menho*, e, surpresa, *B(r)osh é Bom*, um longínquo tema dos PVT Industrial, adoptado pelos Mão Morta nos primeiros concertos, fariam parte da sessão, que resultaria mais tarde num disco, onde o grupo entraria com os dois primeiros daqueles temas. O ano de 2005 viria a ser também particularmente bom para o projecto *Estilhaços*,

que juntava Adolfo Luxúria Canibal e António Rafael na apresentação sob a forma de *spoken word* musicada dos textos do primeiro. Já para o final do ano, os Mão Morta voltariam a sair do país, desta vez para uma pequena “xira galega”.

Por diversas razões, o início de 2006 trouxe poucas notícias acerca dos Mão Morta. Ao longo de todo o ano, o grupo deu apenas dois concertos. Pelo contrário, o projecto *Estilhaços* continuava a dar concertos, chegando a tocar em Budapeste. Mais para o final do ano viria a sair um disco do projecto. No caso dos Mão Morta, o recolhimento inicial foi aproveitado para a edição em DVD de *Müller no Hotel Hessischer Hof*. Mais tarde, porém, houve que voltar ao trabalho. Uma velha aspiração do grupo ganharia de novo forma, após o convite do renovado Theatro Circo: um espectáculo baseado na obra de Isidore Ducasse dito Conde de Lautréamont, *Os Cantos de Maldoror*. Passou-se isto, curiosamente, dez anos depois do CCB ter dirigido um convite semelhante ao grupo para levar à cena *Müller no Hotel Hessischer Hof*.

VÍTOR JUNQUEIRA

António Durães

Encenação

Nasceu na Figueira da Foz em 1961. Concluiu o curso da Escola de Formação Teatral do Centro Cultural de Évora, sendo actor profissional desde 1984. Professor de Teatro (Interpretação) da Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) desde 2000.

Desde 1995 tem encenado, regularmente, alguns espectáculos, de que destaca: *O Fetichista* de Michel Tournier, *O Arquitecto e o Imperador da Assíria* de Fernando Arrabal, *Póquer na Jamaica* de Evelyne Pieiller (todos no Teatro Circo, para a Companhia de Teatro de Braga), *Peça Com Repetições* de Martin Crimp (no Teatro Carlos Alberto e Centro Cultural de Belém), *O Doido e a Morte* de Raul Brandão, *A Estalajadeira* de Carlo Goldoni (ambos no Espaço Alternativo PT, para a Companhia de Teatro de Braga), *Terror e Miséria no III Reich* de Bertolt Brecht, *Esta Noite Improvisa-se*, de Pirandello e *As Bodas de Figaro* de W. A. Mozart e L. Da Ponte (no Teatro Helena Sá e Costa). No Teatro Nacional S. João dirigiu ainda *Teatro Escasso*, um espectáculo teatral a partir de poesia sobre teatro.

Trabalhou com os encenadores/realizadores Luís Varela, José Valentim Lemos, Figueira Cid, Mário Barradas, Rui Madeira, António Fonseca, José Ananias, Mark Donford-May, José Walleinstein, Jorge Silva Melo, Paulo Castro, Ricardo Pais, Nuno Carinhas, João Pedro Vaz,

Giorgio Barberio Corsetti, José Carretas, Adriano Luz, Sagueneil e Paulo Rocha.

Representou textos de Jean-Claude Grumberg, Alfred de Musset, Renato Solnado, Karl Valentim, Barrie Keef, William Shakespeare, Pierre Corneille, Paul Claudel, Marivaux, Peter Handke, Edward Bond, Almeida Garrett, António Patrício, Samuel Becket, Federico Garcia Lorca, Gil Vicente, Robert Pinget, Bertolt Brecht, Mário de Sá Carneiro, Regina Guimarães & Sagueneil e José Carretas.

Tem trabalhado em estruturas diversas, entre as quais a Companhia de Teatro de Braga (como actor e encenador), o Teatro Nacional S. João (como actor e encenador), o Teatro Nacional D. Maria II, a ASSÉDIO, Centro Dramático de Évora, Seiva Troupe (como encenador), Ensemble-Sociedade de Actores, Artistas Unidos e Centro Cultural de Belém. Integra o colectivo Sindicato de Poesia, em Braga, desde a sua fundação.

Durante muitos anos, integrou a equipa da Rádio Universitária do Minho.

Em 1999 gravou com o pianista Luís Pipa um disco de canções de cena intitulado *Marcha Para Dois Vapores*. Para o Teatro Nacional S. João, em parceria com a Rádio Nova, co-dirigiu (com João Reis, Carlos Gomes e Ricardo Pais) o projecto *Os Sons Menina – Teatros Radiofónicos*, que consistiu em gravar curtas prosas, editadas posteriormente em CD. Como actor-cantor participou nos musicais *Linha Curva Linha Turva – Os Actores Cantam* e *Sondai-me Sondheim*, a partir de canções de Stephen Sondheim, ambos com encenação de Ricardo Pais e direcção musical de Jeff Cohen, no Teatro Nacional S. João. Igualmente para o TNSJ fez o musical (café-concerto) *Variações*

Sobre a Perversão, com direcção musical de Luís Pipa, e, no Teatro Municipal S. Luís, com encenação de Adriano Luz e direcção musical de Manuel Paulo, o musical *O Assobio da Cobra*.

Pedro Tudela

Cenografia

Nasceu em Viseu em 1962. Concluiu o Curso de Pintura da Escola Superior de Belas Artes do Porto (ESBAP) em 1987. Assistente da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto (FBAUP) desde 1999.

Enquanto aluno da ESBAP, foi co-fundador do Grupo Missionário e organizou exposições nacionais e internacionais de pintura, arte postal e performance. Expõe individualmente com regularidade desde 1981. Participa em inúmeras exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro desde o início da década de 80. Encontra-se representado em museus e colecções públicas, entre as quais o Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Centro de Arte Moderna da Fundação Calouste Gulbenkian, Caixa Geral de Depósitos, Museu de Arte Contemporânea do Funchal, Banco Privado e Portugal Telecom.

Participa em vários festivais de performance desde 1982.

Em 1992, por ocasião da exposição *Mute... Life*, funda o colectivo multimédia Mute Life Dept. Enveredou pela produção sonora em 1992, participando em concertos, performances

e edições discográficas, em Portugal e no estrangeiro. Colabora com o grupo Virose e ingressa na Virose – Associação Cultural e Recreativa a partir de 2000. Membro da associação Granular. Co-fundador e um dos elementos do projecto multidisciplinar e de música digital @c. Membro fundador da editora Crónica.

Foi autor e apresentador dos programas de rádio *Escolhe Um Dedo e Atmosfera Reduzida* na XFM, entre 1995 e 1996.

Foi responsável pela instalação cenográfica de *Rua! Cenas de Música para Teatro*, espectáculo de abertura do Teatro Carlos Alberto. Assinou, em 2004, a cenografia de *Sondai-me Sondheim*, espectáculo dirigido por Ricardo Pais e João Henriques, de *Figurantes*, de Jacinto Lucas Pires, de *UBUs* (Teatro Nacional S. João, 2005) e *O Saque* (Teatro Nacional S. João, 2006), encenados por Ricardo Pais, e *Teatro Escasso* (Teatro Nacional S. João, 2006), encenado por António Durães.

Cláudia Ribeiro

Figurinos

Nasceu em Mirandela em 1972. É diplomada em Cenografia/Figurinos pela Academia Contemporânea do Espectáculo (ACE), no Porto, e completou os seus estudos na Wimbledon School of Art, na área de Figurinos e Adereços, em Londres.

Integrou a equipa do Teatro Nacional S. João como Coordenadora de Guarda-Roupa entre 1995 e 2006.

Lecciona a disciplina de Oficina de Adereços na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE) e na AGE.

Criou os figurinos para os seguintes espectáculos:

Um Pedido de Casamento encenado de João Paulo Costa; *Lixo Total e Príncipezinho* encenados por Isabel Alves Costa, *Franczarinas* e *Sou do Tamanho do que Vejo*, encenados por Luís Blat; *O Luto*, encenado por João Grosso; *Auto da Índia*, encenado por Chico Alves; *Monólogos* e *O Morgado de Fafe*, encenados por Jorge Pinto; *Amor de Perdição* encenado por Manuel Costa Dias, *O Zé do Telhado* encenado por Hélder Costa, *Red Shoes* encenado por Paulo Brandão, as óperas *A Donzela Guerreira*, *A Casinha de Chocolate*, *Nabucco*, *Tosca*, *A Arca de Noé* e *A Bela Adormecida* encenadas por Norma Silvestre. Em co-autoria com Nuno Carinhas criou os figurinos do espectáculo *Pretos, Vermelhos e Ignorantes* encenado por Paulo Castro.

Fez ainda a coordenação técnica dos figurinos dos seguintes filmes para o canal 1 da RTP: *Saudade*, *Na Mão de Deus* e *Nostalgia*, realizados por Francisco Manso.

Ainda como coordenadora técnica trabalha regularmente com a Companhia de Marionetas do Porto na execução dos GR.

Coordenou a execução de chapéus para os espectáculos da Companhia Nacional de Bailado *Romeu e Julieta*, *Gisele* e *O Lago dos Cisnes*, com figurinos de António Lagarto.

Nuno Tudela

Vídeo

Nasceu em Viseu em 1966. Licenciado em Realização de Cinema pela Escola Superior de Teatro e Cinema (ESTC), na Amadora, lecciona as disciplinas de Pós-Produção e Direcção de Actores no Ensino Superior.

É realizador de cinema e vídeo desde 1988, tendo realizado entre outros *Diálogo Com a Intimidade*, ficção de 24' que recebeu o Prémio Tema Livre dos Novos Valores da Cultura, no Porto, em 1988, *MUTE... LIFE – Step Video*, videoclip de 3'20" que recebeu o Prémio para Videoclip Musical no Videoeiras94 e o Prémio Musical do IV Tom de Vídeo 96, participou com 1'10" na ficção *Os Primeiros Cinco Minutos Depois da Morte*, que recebeu o 2.º Prémio nos encontros Bracavideo 93, todos em 1993, *Chabala* (Mão Morta), videoclip de 4'18" que recebeu o Prémio Blitz 96 – categoria Vídeo, *Mexe Mexe* (Bimbocao), Spot de TV de 20", *MUTE... LIFE* (Mute Life Dept.), videoclip de 28" seleccionado para a mostra Jovens Criadores 96, *On the Way to Fátima* (Great Lesbian Show), videoclip de 4'16" seleccionado para os Prémios Blitz 96 – categoria Vídeo, todos em 1996, *Problema de Expressão* (Clã), videoclip de 3'35" que recebeu uma Menção Honrosa no Ovarvídeo 98, *Todagente* (Da Weasel), videoclip de 4' que recebeu outra Menção Honrosa no Ovarvídeo 98, *Müller no Hotel Hessischer Hof* (Mão Morta), documentário de 60' de um espectáculo ao vivo, editado em

DVD, todos em 1997, *Em Directo (Para a Televisão)*» (Mão Morta), videoclip de 6' que recebeu o Prémio Compac/TV1 98 para Melhor Produção e uma Menção Honrosa no Ovarvídeo 98, em 1998, *Atmosfera Reduzida* (Pedro Tudela), vídeo musical experimental de 2'50", e *Guandong Tuning Tone* (Pedro Tudela), vídeo musical experimental de 2'52", ambos em 2005 e incluídos no DVD *Essays On Radio: Can I Have 2 Minutes of Your Time?*, e, já em 2006, *Be-Dom*, vídeo musical de 15'54", e *1 Motivo*, curta-metragem de 30' co-financiada pelo IGAM-MC/RTP.

Mantém uma actividade regular em mistura vídeo, tendo realizado vários espectáculos de Mute Life Dept. entre 1996 e 1999, e os espectáculos de Mão Morta no Festival Mergulho no Futuro – Expo 98, no Coliseu dos Recreios e no Lux em 1999.

Também fez mistura vídeo em vários eventos, como festas na discoteca Vespas, no Funchal, em 2000, 2001, 2002, 2003, 2004 e 2005, no bar Triplex, no Porto, em 2003, no Indústria, no Porto, e no Hard Club, em Gaia, em 2004, no Passos Manuel, no Porto, em 2005 e 2006, na Mediateca Municipal da Guarda integrado nas Comemorações do 805.º Aniversário da Cidade, em 2004, no Obarcafé, em Ovar, integrado nas Noites de Som e Imagem dos Ovarvídeo 2001 e 2002, e na Escola Superior de Música e das Artes do Espectáculo do Porto (ESMAE), no encerramento do Festivídeo 2002.

Ainda como misturador vídeo participou nos espectáculos teatrais *Branco* (2001) e *Preto* (2002), com encenação de Laura Ferreira.

Manuel Antunes

Desenho de Luz

Nasceu em Versalhes (França) em 1974. Frequentou o Curso de Arquitectura da Universidade Lusíada de Lisboa até ao 2.º ano. Trabalhou como Desenhador no Gabinete de Arquitectura Olivier Dumas Architecte e, como responsável pela iluminação, participou no Projecto de Execução do Cine Teatro do Cacém.

Foi técnico da empresa de espectáculos CHS – Empresa de Som e Iluminação e, no sector de iluminação de espectáculos, da associação UPAV – União Portuguesa de Artistas de Variedades.

Foi responsável pela direcção, desenho e operação de iluminação na gravação dos DVDs *Live Tiamat* e *Live Da Dark Tranquillity*, ambos na Polónia. Fez programação de iluminação para o programa de televisão *Festival da Canção das Comunidades Portuguesas* e, como operador de iluminação, participou em vários outros programas, de que destaca a série semanal *Miguel Ângelo ao Vivo* para a RTP1, *Curto-circuito – Aniversário* para a SIC Radical ou *Fim de Ano em Albufeira* para a SIC. Ainda como operador de iluminação participou na gravação dos DVDs *Live Moonspell*, na Polónia, e *Live Kreator – Wacken 2005*, na Alemanha.

Foi responsável pelo desenho de iluminação para o musical sobre os Xutos & Pontapés *Sexta-feira 13*, na Toyota Box, e para os espectáculos teatrais *2 Amores*, no Teatro Villaret, e *Ana e Hanna*, no Teatro Nacional D. Maria II, e foi

assistente de direcção de iluminação na ópera *Cármén*, no Coliseu do Porto.

Foi responsável pela direcção, desenho e operação de iluminação em eventos diversos, como o festival de música Seixal Attack, a abertura da FNAC dos Armazéns do Chiado, as cerimónias de abertura e encerramento do Mundial de Atletismo ou a cerimónia de abertura do Fórum Almada. Foi responsável pela direcção de iluminação do festival Rock In Rio 2006. Fez ainda desenho e operação de iluminação para outros eventos em Portugal, de que destaca o espectáculo *Müller no Hotel Hessischer Hof* pelos Mão Morta, o festival Seixal Rock, a cerimónia de inauguração do novo Estádio da Luz ou a cerimónia de apresentação do Renault Modus, e na Alemanha, como o Miracle Healing, o YMCA Festival, o Kultur Pur e o Germany 2006 Futsal. Foi chefe técnico operador no Palco Promenade da Expo 98 e operador de iluminação na campanha de divulgação de novos talentos pela Portugal Telecom PT Project, no festival Intercéltico do Porto, no concerto sob patrocínio da Presidência da República *Trovante no Pavilhão Atlântico*, no concerto *Fausto no CCB* e no festival Madeira Fest 2006.

Trabalha regularmente como desenhador e operador de iluminação com Moonspell e Mão Morta e com as bandas estrangeiras Dark Tranquillity, Tiamat, Kreator e Destruction. Como responsável pelo desenho e operação de iluminação participou também em vários concertos de artistas estrangeiros, como The Blues Brothers, The Magic Platters, Adamo, Alcione, Billy Cobham, Charles Aznavour, Demis Russos ou

Percy Sledge. Assinou igualmente a direcção de iluminação de espectáculos de artistas brasileiros, como Caetano Veloso, Chico César, Daniela Mercury, Fernanda Abreu, Gal Costa, Gilberto Gil ou Simone e, como operador de iluminação, trabalhou ainda com vários artistas nacionais, de que destaca Carlos do Carmo, Paulo de Carvalho, Afinidades, Braindead, Blind Zero, Censurados, Clã, Goldfinger, Itaka ou RAMP.

PRÓXIMO ESPECTÁCULO

MÚSICA QUI 24 ABRIL

Nazaré, não a terra mas a mulher

Grande Auditório · 21h30 · Dur. 1h00 · M/12

Fui convidada para escrever sobre a importância da Rádio. Lembrei-me logo do 25 de Abril. Eu tinha 10 anos e vivia em Lisboa. Numa visão muito pessoal desse momento histórico, quis afirmar que as nossas vidas pessoais, os nossos anseios e paixões, podem fazer parte da História.

Não é uma reflexão politicamente correcta acerca da revolução, não sou nem jornalista nem especialista em assuntos de política. Escrevi um relato apaixonado sobre este país e o seu povo, ainda que se possa pensar o contrário no início do texto.

Ficionei parte da vida da Nazaré, que, à época, era a nossa empregada doméstica. Uma mulher forte, independente e culta.

Quis para o texto uma música especial. Nuno Rebelo não só é um amigo desde esses anos de adolescência, é também um dos poucos músicos experimentais de cujo trabalho gosto verdadeiramente. O seu som é quente e cheio, cheio de significado também, sempre lúdico e profundamente artístico sem se tornar

© Katja Ruge

© Massimiliano Piccinini



pretensiosamente intelectual. Mal fala alemão, mas compreendeu imediatamente o significado e o meu estilo de narrativa, intuitivamente.

KATHARINA FRANCK

Katharina Franck (1963). Cresceu em Portugal e no Brasil. Vive em Berlim, Alemanha. Cantora e *songwriter*. Fundou a banda Rainbirds em 1986. Escritora de *Spoken Popsongs* desde 1996. Mais recente trabalho editado: *First Take Second Skin // Skycap* 2006. De momento, trabalha nos últimos retoques do seu próximo álbum de canções.

Nuno Rebelo (1960). Após um início de carreira nos anos 80 onde ganhou visibilidade como líder dos Mler Ife Dada, virou-se para as músicas experimentais e para a composição de música para coreografias, teatro e cinema. Foi o autor do hino da Expo 98 e é hoje reconhecido internacionalmente como um dos mais importantes guitarristas portugueses da música improvisada.

Os portadores de bilhete para o espectáculo têm acesso ao parque de estacionamento da Caixa Geral de Depósitos.

CULTURGEST, UMA CASA DO MUNDO

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

PRESIDENTE

António Maldonado Gonelha

VICE-PRESIDENTE

Miguel Lobo Antunes

ADMINISTRADORA

Margarida Ferraz

ASSESSORES

DANÇA

Gil Mendo

TEATRO

Francisco Frazão

ARTE CONTEMPORÂNEA

Miguel Wandschneider

SERVIÇO EDUCATIVO

Raquel Ribeiro dos Santos

João Cardoso ESTAGIÁRIO

DIRECÇÃO DE PRODUÇÃO

Margarida Mota

PRODUÇÃO E SECRETARIADO

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Judite Jóia

EXPOSIÇÕES

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Mário Valente Almeida

PRODUÇÃO E MONTAGEM

António Sequeira Lopes

PRODUÇÃO

Paula Tavares dos Santos

MONTAGEM

Fernando Teixeira

CULTURGEST PORTO

Susana Sameiro

COMUNICAÇÃO

Filipe Folhadela Moreira

Marta Fernandes ESTAGIÁRIA

Sara Nogueira ESTAGIÁRIA

PUBLICAÇÕES

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

ACTIVIDADES COMERCIAIS

Catarina Carmona

SERVIÇOS ADMINISTRATIVOS E FINANCIEROS

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

DIRECÇÃO TÉCNICA

Eugénio Sena

DIRECÇÃO DE CENA E LUZES

Horácio Fernandes

ASSISTENTE DE DIRECÇÃO CENOTÉCNICA

José Manuel Rodrigues

AUDIOVISUAIS

Américo Firmino CHEFE DE IMAGEM

Paulo Abrantes CHEFE DE AUDIO

Tiago Bernardo

ILUMINAÇÃO DE CENA

Fernando Ricardo CHEFE

Nuno Alves

MAQUINARIA DE CENA

José Luís Pereira CHEFE

Alcino Ferreira

TÉCNICO AUXILIAR

Álvaro Coelho

FRENTE DE CASA

Rute Moraes Bastos

BILHETEIRA

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Paula Pires Tavares

RECEPÇÃO

Teresa Figueiredo

Sofia Fernandes

AUXILIAR ADMINISTRATIVO

Nuno Cunha

COLECÇÃO DE ARTE DA CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

María Jesús Ávila

Valter Manhoso

Maria del Sol Aragão ESTAGIÁRIA

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa

Tel 21 790 51 55 · Fax 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt · www.culturgest.pt